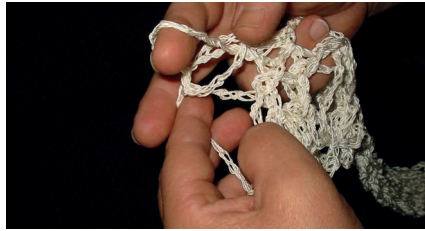


**DOSSIÊ: MULHERES,
FEMINISMO, ARTESANATO
E ARTE POPULAR:
SABERES DE OFÍCIOS**





APRESENTAÇÃO

UM COLÓQUIO MOTIVADOR DO DOSSIÊ

Em junho de 2015, mais precisamente nos dias 15 e 16, realizamos na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinus), em Porto Alegre, o II Colóquio Mulheres, Feminismo, Arte Popular, Artesanato: saberes de ofícios, organizado por dois programas de pós-graduação: o de Educação e o de Design, com o apoio do Programa de Maestria em estúdios de la mujer da pós-graduação em Ciencias Sociales y Historia da Universidade Autônoma Metropolitana (UAM), Xochimilco, da Cidade do México, juntamente com os grupos de pesquisa Educação, Trabalho e Conhecimento e Núcleo de Pesquisa de Gênero – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Concretizamos o sonho de dar continuidade ao primeiro encontro realizado em maio de 2014 na UAM, ampliando o diálogo com países latino-americanos iniciado ali e refletindo sobre o tema do feminismo e das mulheres na produção da arte popular e do artesanato, tema caro para grupos ainda pouco conhecidos.

O México e o Brasil, bem como toda a América Latina, possuem vasta produção artesanal e distintas conceituações de arte popular. Como pesquisadoras desse tema, constatamos que em todas as partes as mulheres são as grandes produtoras dos ofícios relacionados ao trabalho artesanal. O que fica evidente também é que, como destaca Eli Bartra (2008, 2013), há uma invisibilização dessa produção criativa. Podemos afirmar que, assim como Michelle Perrot (2008) tem investigado as mulheres no campo historiográfico, Eli Bartra tem destacado a importância de pesquisarmos as mulheres como autoras na produção da arte popular. Nesse contexto, o II Colóquio buscou ampliar ainda mais esse espaço de mostra, sistematização e reflexão sobre ofícios tradicionalmente produzidos por mulheres. Bartra (2013) tem sido referência nos estudos de arte popular e mulheres no México, bem como em países como Japão e Nova Zelândia. A pesquisa e a produção teórica no México foram, sem dúvida, um alento para que o II Colóquio acontecesse no Brasil e ampliou os diálogos entre pessoas vinculadas ao tema nos dois países. Foram cinco painéis distribuídos em dois dias de reflexões, além de uma instalação científico-artesanal com a participação de artesãs e trabalhos de orientandas num clima de muita curiosidade e partilha.

Com o apoio financeiro do CNPq, conseguimos trazer quatro pesquisadoras do México, um do Paraguai e cinco de outros estados do Brasil (Maranhão, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina), além de pesquisadoras e pesquisadores e artesãs do Rio Grande do Sul. Ao todo, o evento reuniu 70 inscritos, que participaram e enriqueceram o debate.

Agora, neste dossiê, trazemos artigos que visibilizam boa parte do que foi produzido no II Colóquio, e, pelo fato de a chamada ser pública, agregamos mais três artigos que dialogam diretamente com o tema, de modo que os 15 artigos são uma mostra expressiva de que seguiremos investindo na temática, pois a América Latina é profícua e promissora na produção artesanal, num caminho cada vez mais possível de a academia entrelaçar artesãs e acadêmicas comprometidas com a vida melhor para todas as mulheres implicadas nesses ofícios.

Como organizadora do Dossiê, tomei a liberdade de fazer uma "trama" entre os artigos, reunindo-os pelos fios que considereei significativos, propondo o urdume no tear que a gente prepara para, em seguida, passar a navete (a agulha da tecelagem manual) para compor a trama. A fotografia da capa inspira essa metáfora.

Os primeiros fios reúnem artigos que remetem aos ofícios da arte popular e do artesanato feito por mulheres. "O nu na arte popular mexicana", de Eli Bartra, nos apresenta alguns exemplos da representação do nu feminino na arte popular contemporânea do México. Segundo a autora, é uma primeira aproximação à temática e uma proposta possível de classificação. O artigo de Marcia das Dores da Cunha Alves Valim e Luci Mendes de Melo Bonini, "Patrimônio cultural material e imaterial: as rezadeiras da Festa do Divino em Mogi das Cruzes (SP)", descreve e analisa os saberes e fazeres das rezadeiras e dos rezadores da Festa do Divino Espírito Santo, caracterizando o perfil de quem reza com os costumes tradicionais, identificados como detentores de saberes religiosos que sensibilizam para o reconhecimento dos bens culturais na localidade. No artigo "Para D. Izabel Mendes da Cunha", Sônia Missagia Mattos "presentifica" a memória da mestra ceramista falecida em 2014 que produziu um legado para a arte popular oriunda do Vale do Jequitinhonha (MG). E, muito próximo a esse reconhecimento, o artigo de Edla Eggert, "Uma oferenda: bordados brasileiros para Frida Kahlo", traz para a trama uma bordadeira, Ivone Junqueira, do município de Alvorada (RS), que relê alguns quadros de Frida Kahlo.

Os cinco artigos seguintes foram aproximados pelos fios da sustentabilidade dos saberes e ofícios na vida das mulheres. O texto de Pedro de Almeida Costa, Zadelene Zaro, Maira Freitas Barbosa, "Quando a economia solidária não é feminina nem feminista: o que está sendo reproduzido?", analisa o processo formador de uma cadeia produtiva majoritariamente feminina de artefatos artesanais de lã natural estimulada por uma política pública de economia solidária. O artigo consegue visibilizar a face das mulheres e, com isso, discute as suas distintas condições de vida, que tensionam a implementação das políticas públicas. No artigo de Fabio Pezzi Parode, Ione Ghislene Bentz e Maximiliano Oscar Zapata, "Design: artesanato, ressignificação e sustentabilidade", foi apresentada uma análise que tem por base um trabalho de designers com o grupo de artesãs Bichos do Mar de Dentro da região do sul do Rio Grande do Sul. Já o artigo "Olhar 'di' ver cidade: uma experiência interdisciplinar", de Juliana Aguiar, Ângela Barros, Lolita Marques e João Luiz Maia, apresenta o percurso de uma atividade participativa e interdisciplinar realizada com um grupo de alunas e alunos artesãos

integrantes do curso técnico em Artesanato, modalidade Proeja do Instituto Federal de Alagoas (Ifal) – *campus* Maceió. Analisa a busca da sustentabilidade mediante o conhecimento e o entendimento do meio ambiente em que se vive, considerando a identidade cultural e as tradições existentes em cidades do estado de Alagoas. O artigo "A arte de aprender a trabalhar coletivamente na vida de uma costureira", de Maria Clara Bueno Fischer, analisa a trajetória profissional de uma costureira num exercício dialético entre narrativa da práxis e a reflexão teórica. A autora discute a qualificação social e profissional de trabalhadoras do movimento de economia solidária brasileiro. Por fim, no artigo "Juventudes, histórias de vida, gênero, arte e resistências", de Thayane Cazallas do Nascimento e Paula Cervelin Grassi, analisa-se a participação da juventude em trajetórias formadoras de artesãs em três grupos produtivos do município de Caxias do Sul (RS): Marias Lavrandeiras, Kuntu e o artesão do Customiza Gabriel. As autoras discutem o lugar de preconceito na vida desses jovens e, simultaneamente, a potência dessa marca por meio da produção do seu artesanato urbano.

Numa terceira meada de fios, teremos três artigos nos quais preponderam os experimentos sobre como podemos "ver" a arte popular e o artesanato de modo criativo. Elizabete Tamanini apresenta o artigo "Educação popular, patrimônio cultural e museu no século XXI – o que têm a nos dizer sobre a presença da mulher?", resultado de estudos sobre práticas educativas escolares e museológicas que consideram os saberes comunitários na perspectiva da construção dialógica. A partir dessas experiências, a autora ressalta as complexidades contemporâneas que desafiam as instituições museológicas ante diferentes contextos territoriais e desigualdades de acessibilidade. O artigo "Instalação científico-artesanal (ICA): a publicização da pesquisa no âmbito da aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos (EJA)", de Edla Eggert e Marcia Regina Becker, apresenta o conceito de instalação científico-artesanal. Trata-se de uma reflexão que surge a partir do trabalho do grupo de pesquisa no qual as autoras estão envolvidas na produção de artesanato e o processo educativo desse contexto. Influências dos estudos feministas, da educação popular e da pesquisa (auto)biográfica dão suporte para a construção do conceito em questão. O artigo de Roberta Barros de Carvalho, "A arte da exposição como linguagem para delimitar fronteiras entre arte erudita e arte popular e artesanato. Liturgias contemporâneas no Museu Casa do Pontal: um estudo de caso", analisa as separações das fronteiras entre a arte erudita, a arte popular e o artesanato, na tentativa de provocar a reflexão sobre a possibilidade das influências das formas de expor para habilitar ou não um objeto a fazer travessias entre o erudito e o popular como campos fortemente demarcados.

E, para ampliar o urdume, agrupamos dois artigos que tratam das aprendizagens dos saberes de ofícios no campo do artesanato. O primeiro, de Márcia Alves da Silva, "O artesanato como ferramenta metodológica na perspectiva dos estudos de gênero: articulando pesquisa, ensino e extensão universitária", apresenta uma reflexão sobre o processo de construção dos sentidos do trabalho feminino e sua relação com a categorização de gênero a partir

das histórias de vida de mulheres envolvidas por meio de oficinas de produção artesanal. A autora produz um diálogo entre os saberes populares e os saberes acadêmicos, tendo como foco central a formação, a pesquisa e a extensão em estudos de gênero. O segundo, de Amalia Ramírez Garayzar, "Sobre la adquisición del saber artesanal. ¿Qué hay detrás del 'nomás viendo'?", analisa a aquisição da habilidade e do conhecimento do trabalho artesanal relacionado com uma série de estratégias que acontecem no ambiente de aprendizagem. Uma atividade que nos povos indígenas é basicamente realizada pelas mulheres. A análise é sobre o trabalho com têxteis que contribui na transmissão dos saberes tradicionais. Garayzar reconhece o saber fazer dessas mulheres e se coloca no processo como investigadora curiosa em pensar a cognição e a aprendizagem no ato de criação das peças têxteis.

No arremate final, proponho o artigo de Ana Mae Barbosa, "Mulheres: arte, artesanato, design", que analisa os paradoxos do machismo escamoteador vivido no campo artístico brasileiro. Reconhecer as mulheres nas artes é lutar pela aceitação da diversidade, que a autora aproxima das conquistas dos direitos humanos e da democracia. Para Barbosa, o reconhecimento das mulheres na arte é proporcionalmente maior nos países onde há mais democracia.

Em tempos de instabilidade política, nacional e mundial, as manifestações das mulheres passam a ser rapidamente consideradas perigosas, porque os temas com os quais as mulheres se deparam são o seu próprio corpo. E o corpo das mulheres segue sendo cerceado, subjugado e dominado. Por isso, pensar as mulheres no debate político delas mesmas é produzir mais feminismo, e o trabalho da produção cultural independente das classificações remete a mais encontros e reflexões.

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para o II Colóquio Mulheres, Feminismo, Arte Popular e Artesanato: saberes de ofícios, e para este dossiê, consequência do segundo encontro de muitos outros.

Boas leituras!

Edla Eggert
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul